

admite fracasso do governo

que a política econômica não conseguiu frear a inflação

Delfim

E reconhece

São Paulo — Em entrevista exclusiva ao repórter Edson Fonzo, das rádios Jornal do Brasil e Jovem Pan, o ministro do Planejamento, Delfim Netto, confessou ontem que a política econômica do governo Figueiredo fracassou no que se refere ao combate a inflação. Ele atribuiu o quadro a dois fatores: expansão da base monetária em decorrência do êxito da política comercial no exterior e recuperação do nível de atividade, criando expectativas mais otimistas e levando as pessoas a aceitarem aumentos de preços maiores do que os desejados.

Para Delfim, o fato da correção monetária ser utilizada de forma generalizada é outro agravante que dificulta a estratégia de combate à inflação. Ele entende que a expansão dos meios de pagamento só poderá ser controlada através da obtenção de superávits fiscais elevados que permitam financiar o orçamento monetário. Em sua opinião, o problema da dívida externa está atualmente completamente superado, pois o superávit de quase 13 bilhões de dólares da balança comercial brasileira aliviou enormemente a posição do país face aos credores internacionais. Citou também como positiva a decisão do Brasil de não solicitar dinheiro novo, o que facilitará o fechamento das negociações em curso, tornará a

administração da dívida mais fácil e evitará a necessidade de se requerer novos recursos pelos próximos 8 ou 9 anos. Defendeu, entretanto, como extremamente prioritária, a manutenção do esforço exportador.

Segundo o ministro, os banqueiros internacionais não estão preocupados com o fato do Brasil estar prestes a mudar de Governo. "Há muito mais fofoca externa do que fatos propriamente ditos nessa área, explicou. As pessoas aqui no país mentem que conversaram com o mais importante vice-presidente do mais importante banco mas não revelam quem é. Inventam uma história de que ele teria dito que gostaria muito de esperar pelo próximo governo. Evidentemente, os banqueiros gostariam de saber qual é a posição da futura administração. Mas esse não é um problema crucial para as negociações que se processam normalmente" reconheceu. Ele lembrou que o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore está no momento, nos Estados Unidos para dar prosseguimento à terceira fase de renegociação da dívida, sobre cuja evolução espera ter até o começo da semana que vem, uma idéia mais clara. Ele adiantou ainda que o Brasil está propondo uma renegociação que realmente resolverá o problema de sua dívida externa, mostrando-se convic-

to de que "os banqueiros compreendam isso e assinem".

Referindo-se a sétima carta de intenções firmada com o FMI, o ministro observou que elas são necessárias na medida em que servem para descrever metas de ação para um período, permitindo ao fundo julgá-las como compatíveis ou não com os resultados aguardados." Quem diz que o FMI empurra o Brasil para uma política de sacrifícios está falando uma mentira deslavada. O Brasil cresceu com a política que está aí e o Fundo não impôs nada. Apenas pediu que se fosse coerente mas nessa área, cada um escolhe o seu caminho" sublinhou. Ele explicou que a recessão registrada nos últimos anos teria ocorrido com ou sem o fundo pois resultou de uma decisão de governo com o objetivo de promover um ajuste na economia do país e "eu desafio esses galatos que andam por aí a criticar a medida, a dar um único exemplo de país em que não houve recessão para que se procedesse a um ajuste no balanço de pagamentos" acrescentou.

De acordo com o titular da Seplan "este é um país de desinformados em que todos dizem o que querem e como querem" sem nenhuma responsabilidade, o que dá à população brasileira a impressão de que o Brasil sofreu por causa do FMI "quando na verdade nós somos sócios desse clube".